

#04

DEZ ▶ 2008



TERRA INCOGNITA

Em fim, o Annus Mirabilis

Alguém ainda tem dúvida que 2008 foi o ano mais importante da literatura de gênero brasileira dos últimos dez anos? Ou vinte? Não é exagero, nem desprezo por aqueles que batalharam (e batalham) na difícil missão de fazer a Ficção Científica, a Fantasia e o Horror brasileiros gêneros comercialmente ativos, parte da economia cultural do País. É um fato. A literatura especulativa “do B” fecha o ano com saldo muito positivo.

Vejamos: tivemos a consolidação da Fantasticon como a mais importante convenção para fãs de ficção especulativa. Tivemos a segunda edição do Invisibilidades, outra convenção de sucesso que vem para somar e ficar. Tanto em números absolutos quanto na maturidade dos assuntos debatidos, esses dois eventos mostram como os leitores e autores brasileiros evoluíram.

Tivemos ainda uma retomada editorial. A Aleph descarregou nos clássicos indispensáveis da FC, como Nevasca, a trilogia do Sprawl e Nevasca. Por outro lado, a Tarja Editorial e a Não Editora mostraram que é possível apostar no autor nacional, que, aliás, deu mais uma demonstração do amadurecimento do mercado. Mas não só os publicados em papel deram evidências de um futuro próspero. A internet também se consolidou como meio e fim complementar ao mercado editorial tradicional. Além disso, quem permeia os bastidores da produção literária sabe que há tigres prontos para tomar o leitor de assalto.

Em 2008 tivemos até o surgimento de uma subcultura inteira. O gênero steampunk chegou em definitivo aos trópicos, com grupos organizados, revistas e eventos próprios.

E tivemos quatro edições de Terra Incognita, uma revista que é fruto e, ao mesmo tempo, catalisador dessa ebulição. Publicamos autores estrangeiros que a maioria dos brasileiros sequer tinha ouvido falar. Publicamos outros que, mesmo conhecidos de nome, nunca haviam sido lidos em português. Resgatamos autores brasileiros que haviam se desgarrado do rebanho e revelamos novos autores que, temos certeza, serão presença constante nas leituras de todo fã de FC, F, H e quetais. Publicamos histórias de qualidade, criamos a ponte, cumprimos nossa missão até agora.

No entanto, há muito o que fazer em todas as frentes. Mais novos autores estrangeiros precisam ser publicados no Brasil. As editoras precisam acreditar mais nos autores brasileiros e profissionalizarem o mercado. Por sua vez, os autores têm que aumentar consideravelmente a qualidade da literatura que produzem, pesquisando, criando e ousando mais. Retomando o maravilhamento e não somente reproduzindo os últimos cinquenta anos de literatura especulativa.

Mas estamos confiantes. Muito. Tanto que acreditamos que 2009 será “O ano em que faremos contato”. Com as editoras, com o público, com a mídia, com a produção global. Com nós mesmos, enquanto leitores, editores e autores de gênero. Que venha o presente, então. Porque o futuro chegou mais cedo.

Feliz 2009.

Fábio Fernandes e Jacques Barcia
Editores

**RITUAL DE
IMORTALIDADE**
RAFAEL MONTEIRO

Z

RYNALDO PAPDY

SCHISMATRIX

RESENHA ▶ FÁBIO FERNANDES

ENTREVISTA ▶ BRUCE STERLING

VINTE EVOCAÇÕES
BRUCE STERLING

“ RICHARD PREPAROU-SE PARA ATIRAR, MAS FOI ATINGIDO PELAS COSTAS. UMA RENA APLICOU-LHE CABEÇADAS E OS CHIFRES ABRIAM UM BURACO NO PROFESSOR, NA ALTURA DOS RINS ”

Rafael Monteiro

Ritual de Imortalidade

Richard Brooks ainda ouvia as últimas palavras de Laura. Falavam ao telefone quando algo sinistro aconteceu...

- Richard... Eles chegaram... Estão armados...

Em seguida ouviu gritos e a ligação foi interrompida. Richard sabia quem eram "eles". Os capangas do homem que perseguiu nos últimos anos resolveram agir, pegando sua namorada para chantagearlo. Contudo, não estava disposto a ceder. Resolveu enfrentar o inimigo de frente. Invadiria a mansão em Los Angeles e traria sua amada de volta.

Tudo começara há cinco anos. Richard Brooks dava aulas de História Americana na universidade de Pasadena, California. Seu porte atlético, olhos verdes e cabelo louro, um metro e oitenta e cinco centímetros de altura atraíam a atenção de todos. Um de seus melhores alunos era Albert Smith, gordo, baixo, usava óculos de aro grosso, olhos e cabelos negros, a sua pele era branca, de quem não vê o Sol há anos. Um dia ele simplesmente desapareceu. Três semanas depois, foi encontrado morto em um pequeno apartamento em Las Vegas. O corpo do jovem aluno parecia ter envelhecido bastante, com vários hematomas e fraturas. Seu rosto estampava uma cara de horror. As investigações da polícia foram inconclusivas quanto à autoria do crime.

Quando a morte de Smith completou um ano, Richard recebeu um estranho pacote pelo correio. Um envelope pardo, com aspecto envelhecido, sem endereço de remetente. Ao abri-lo, Richard deparou-se com um bilhete de seu ex-aluno, junto com vários dossiês sobre homens dos quais o professor nunca ouvira falar. O curto recado era o seguinte:

"Caro Professor Brooks,

Se recebeu este pacote, é porque as coisas não foram boas para mim. Já há tempos venho lidando com homens maléficos, que pretendem se manter imortais e comandar o destino da humanidade. Servem a alguma espécie de demônio (embora a palavra não seja exata) que pretende dominar nosso planeta, instaurando um reino de imoralidades e perversões. Na verdade, não há muito tempo para nós. Toda nossa economia, cultura e sociedade são governadas secretamente por estes homens.

Sei que parece loucura, mas tem que acreditar em mim. É a última esperança de nossa espécie! Neste pacote estão todas as provas e evidências do que fizeram e ainda fazem. Deveria já ter pedido sua ajuda, mas tive receio em envolver mais gente. A minha hesitação pode nos ter custado caro.

Sinceramente,

Albert Smith".

Richard inicialmente achou que seu falecido aluno havia enlouquecido, mas ao analisar as provas achou-as convincentes o bastante para continuar as investigações, não obstante os pedidos de Laura para que desistisse, algo do que agora está prestes a se arrepender.

O mais surpreendente para o professor de História foi descobrir o principal elemento nesta conspiração. Mas tudo aquilo que tanto ele como o ex-aluno coletaram apontava para o velho – o líder da conspiração era Noel.

Ele mantinha a aparência de velhinho simpático por conveniência. O segredo de sua imortalidade era a prática de magia arcana, a mais nefasta que se pode imaginar. Ele é o grande sacerdote de Cthulhu, e preparava a Terra para o despertar da criatura. Noel era dono de uma das maiores fortunas do planeta, dono de ações das empresas mais poderosas que existiam, desde softwares de computadores pessoais a marcas de refrigerantes. Também possuía títulos das dívidas de praticamente todos os países do mundo, entre outras coisas. Corrompia políticos e funcionários públicos de todas as nações para que estes sempre agissem de acordo com sua vontade. Noel literalmente era o dono do mundo.

Com um adversário tão poderoso, Richard deveria ter sido mais cuidadoso. Agora Laura estava nas mãos do velho e não havia mais nada a perder. Iria invadir a mansão do inimigo e resgatar sua namorada.

A mansão era localizada em Beverly Hills. O estilo arquitetônico da edificação lembrava o organicismo de Frank Lloyd Wright. A construção era feita de concreto, pintada de vermelho e branco, possuía três andares. Um grande muro preto circundava a propriedade, com um portão feito de ébano.

Dois seguranças em frente ao portão guardavam a casa. Richard foi andando até o portão. Vestia jeans, camiseta, jaqueta de couro marrom. Os seguranças o reconheceram. Eram dois negros altos e fortes, vestiam com ternos pretos e camisas brancas típicas de seguranças.

- Olha quem está aqui! É o tal professor. Veio salvar a namoradinha?

- O patrão deve estar fazendo a festa com ela lá dentro, hein?

Ambos riam e se preparavam para espancar Richard. Este não perdeu tempo e sacou sua magnum .44, dando um tiro certeiro no meio da testa de um deles, que caiu para trás sem esboçar reação. O segundo pôs a mão na cintura para sacar a arma, mas logo recebeu uma bala no peito. Atordoado, curvou-se para frente cuspidando sangue, quando outro disparo atingiu seu crânio espalhando massa encefálica por todo lado.

Richard pegou as armas dos seguranças, ambos portavam pistolas .9mm e um deles possuía uma espingarda calibre 12. Descarregou-a no portão de madeira maciça, em um mesmo ponto. Com o buraco aberto, forçou o suficiente até conseguir abri-lo.

A mansão por dentro era ainda mais grandiosa. A piscina refletindo a casa quase por completo dava um ar de verdadeiro castelo ao lugar. As longas linhas retas da construção, cuja altura chegava a dez metros, com as visões das luzes da cidade ao fundo, causavam uma sensação de apequenamento e de que o inimigo era realmente poderoso. Richard sentia-se oprimido, todavia seguia em frente.

Pegou uma das cadeiras de metal que estava à beirada da piscina e jogou de encontro ao vidro da janela da sala. Assim, conseguiu entrar na residência de Noel.

O chão da sala era de mármore carrara e as paredes continham quadros de Renoir, Van Gogh e Degas. Noel os tinha pendurado sem cuidados, como se a sogra os tivesse pintado.

Em uma das paredes, um tapete vermelho, aparentemente persa, com figuras abstratas, chamou a atenção do professor. Ao aproximar-se, notou que as figuras lembravam, de alguma forma, tentáculos, com um circunferência que parecia um olho no centro. Ao tocá-los, o chão se abriu. Uma escada levando ao subsolo tornou-se visível.

Descendo lentamente, Richard notou que toda a iluminação era feita por chamas. Ao terminar os degraus, viu Laura seminua amarrada numa espécie de altar sacrificial, ao lado de um grande fosso, de onde vinha uma estranha luz verde escuro. Junto ao altar havia uma árvore de natal com estrelas penduradas e presentes à sua volta. Suas renas também se encontravam ali por perto. Ao lado delas estava Noel.

- Tenho que confessar que seu gosto para mulheres não é ruim! - Noel falava acariciando os lisos fios louros do cabelo da mulher.

Laura estava com os fartos seios e suas grossas pernas à mostra, uma seda branca ocultava sua genitália. Lágrimas escorriam de seus grandes olhos azuis. Noel vestia um terno vermelho, com gravata da mesma cor sobre uma camisa branca. Sua barba, que parecia feita de neve, chegava ao peito. A enorme barriga era desproporcional ao seu um metro e sessenta e cinco centímetros de altura.

- Solte-a! Não vou falar duas vezes! - Richard apontava sua pistola para o velho.

- Calma, amigo. Una-se a mim e terá mulheres à vontade. Para quê se prender a apenas uma?

- Não quero conversa, faça o que digo!

- O que foi? Não ganhou algum presente que desejava quando criança? Sabe quantos fedelhos atendo por ano? De vez em quando falho também... – o grande sorriso e os braços abertos até pareceriam acolhedores em outra situação.

- É sua última chance!

- Pena termos que terminar desta maneira...

Richard preparou-se para atirar, mas foi atingindo pelas costas. Uma rena aplicou-lhe cabeçadas e os chifres abriram um buraco no professor, na altura dos rins. Desequilibrado, apertou o gatilho, atingindo o rosto de sua amada com o disparo. Em seguida caiu no chão, largando a arma. A rena aplicou-lhe novos golpes, agora pela frente, até rasgar todo o peito do professor.

- Droga! - Noel enfureceu-se - Ela era importante, diabos!

O velho tomou o pulso de Laura em suas mãos, prestando atenção na respiração dela. Pôde assim constatar sua morte.

- Acabou de matar sua namorada, professor! Talvez a necromancia ainda a torne útil para alguma coisa mais tarde, só que para hoje não dá!

Richard arrastava-se no chão, tentando aproximar-se de Noel. Este percebeu, e caminhou até o homem no chão para chutar-lhe o rosto.

- Achou que poderia me atingir, desgraçado? – gritava agora chutando todo o corpo do moribundo Richard - Sou mais poderoso que Deus, mando neste planeta há milênios! Se soubesse como os humanos são patéticos... Ameaçe-os com seus maiores temores e farão tudo o que você desejar! Os corajosos que sobram são poucos demais e facilmente elimináveis.

Richard vomitava sangue. Suas costelas partidas perfuravam seu pulmão esquerdo.

- Nem pense em morrer agora! Preciso de um sacrifício para manter a imortalidade.

Com esforço, Noel arrastou Richard até o altar, desamarrou o corpo de Laura jogando-o no chão como se fosse lixo, colocando o professor no lugar da falecida. Em seguida, entoou cânticos profanos em uma língua já há muito esquecida. Uma fumaça com cheiro de enxofre saiu do fosso, a luz que vinha das profundezas iluminou o ambiente como se estivesse dia, caso a luz do Sol fosse verde.

Noel segurava um punhal de ouro e aproximou-o do pescoço de Richard.

- Alguma coisa que deseje falar antes de morrer?

Richard, ofegante, reuniu seus maiores esforços a fim de proferir suas últimas palavras:

- Velhinho... Filho da puta...

Noel então cortou-lhe o pescoço e banhou-se em seu sangue. ◀

Rafael Monteiro é advogado e escritor. Blogueiro de longa data, atualmente colabora com o site de fanfiction Hyperfan e tem vários contos publicados na Web.

“EU NUNCA TINHA OUVIDO FALAR DAQUELA DROGA. MAS ELA JÁ ESTAVA DISSEMINADA NA ALTA RODA DE BUENOS AIRES, E EU FUI O PRIMEIRO JORNALISTA ESTRANGEIRO A ESCREVER SOBRE ELA. DEZESSETE JOVENS PORTENHOS JÁ HAVIAM MORRIDO DE "Z", COM SUAS CABEÇAS EXPLODINDO NA DOSE DERRADEIRA”

Rynaldo Papoy



Aconteceu na semana da abertura das Olimpíadas de Buenos Aires. Eu estava lá como correspondente do Vale, nome fantasia do Diário do Vale dos Machados. Minha aposentadoria por invalidez vocacional ainda não havia sido aprovada. Eu já havia passado por todos os testes, provando que eu tinha nascido com a vocação para escritor, mas ainda faltava o carimbo da Biblioteca Nacional na minha ficha, que, naquela época, demorava cerca de seis meses para sair. Tempo que eles chamavam de “180 dias”, para tentar ludibriar os requerentes, ao nos fazer acreditar que 180 dias era menos do que seis meses. Neste caso, deveriam dizer que o

processo levava, em média, 648 mil segundos. Mas nenhuma contagem de tempo era tão massacrante do que este “em média”. “Em média” poderia ser entre um segundo e um ano. Mas por que, afinal, o carimbo de “inválido vocacional” demorava este tempo todo para ser metido no requerimento? Quantos escritores eram comprovadamente inválidos profissionais? Segundo estatística do Sindicato dos Escritores de Nova Iguaçu, apenas 0,3% dos requerentes comprovavam sua vocação e, portanto, tinham direito à aposentadoria por invalidez vocacional. Obviamente, o sindicato tentava a todo custo aumentar esta proporção, pois os mais de seis milhões de escritores de Nova Iguaçu pagavam sua mensalidade ao sindicato e queriam ser considerados escritores de verdade. Eu pagava minha mensalidade ao Sindicato dos Escritores de Guarulhos, com seus 45 milhões de membros. Dos quais apenas 40 eram inválidos. Sim, em Guarulhos os escritores legítimos eram menos do que 0,0001% do total, o que revoltava a todos, obviamente.

Na Argentina era pior. O Senado argentino ainda não havia aprovado a aposentadoria por invalidez vocacional, pois eles consideravam que isto poderia quebrar a previdência do país, o que gerava o escárnio do Brasil. Especialistas em literatura afirmavam que havia exatamente o mesmo número de escritores autênticos no Brasil e na Argentina ou em qualquer outro país. No entanto, os argentinos acreditavam que os beneficiários da aposentadoria poderiam chegar a 30% dos escritores sindicalizados.

Mas não era isto que eu iria contar. Ia falar o que aconteceu quando eu trabalhava como repórter esportivo para sobreviver. E para pagar as prestações do meu carro.

Ao chegar em Buenos Aires, às 23 horas, minha primeira parada foi, lógico, a locadora de automóveis. Eu fazia o contrário dos outros correspondentes. Enquanto os miseráveis alugavam carros por C\$ 15,00 [quinze cuias], mas conseguiam comprovantes das tradicionais C\$ 40,00 que os sindicatos dos jornalistas obrigavam os veículos a pagar, eu só sabia andar de carro esportivo, alugando os meus por cerca de 150 cuias. 40 cuias o Vale pagava e 110 eu botava do meu bolso. Aluguei um Jaguar azulado muito louco. Digitei o nome do hotel e o carro iniciou sua auto-direção até lá. Fiquei olhando a paisagem e exclamei meu tradicional “Ah! Buenos Aires!”. Eu sempre falava

isto quando chegava a alguma cidade. Quando eu estava acompanhado, a pessoa sempre me perguntava o porquê da interjeição. Eu já estivera na cidade antes ou a cidade me causava algum tipo especial de emoção? Eu respondia qualquer bobagem. Quando estive em Porto Príncipe, para a Copa do Haiti, entrei num ônibus com outros jornalistas e suspirei: “Ah! Porto Príncipe!” Perguntaram-me o porquê do suspiro e eu menti que ali havia perdido uma de minhas virgindades. Ninguém fez mais perguntas.

De repente, passou por mim um carro a mais de 500 km/h, com dois carros de polícia na cola dele, também a 500 km/h. Eu não iria perder aquele furo. Desliguei o piloto automático e dei um cavalo de pau, acelerando em perseguição a eles. Peguei minha câmera dentro de minha mochila, utilizando uma das mãos, enquanto dirigia com a outra. Liguei-a e colei no painel.

Eu precisava alcançar os policiais. Acelerei mais. Cheguei a 600 km/h. Um helicóptero apareceu. Outro. E mais outro. Certamente alguns eram da imprensa. E eu era o único jornalista perseguindo a perseguição de carro mesmo.

A perseguição entrou no subúrbio. Avenida Eva Perón, que circundava Buenos Aires inteira, como um rodoanel. Na verdade, começava na cidade de Sáenz-Pena e terminava em Adolfo Sourdeaux, pois não poderia passar por cima do Rio da Prata. A perseguição durou mais alguns segundos, até que o carro do bandido voou avenida afora, arrebatando a proteção e caindo num córrego canalizado. Olhei no monitor do Jaguar: Córrego Diego Maradona, na Villa 11 de Septiembre. Que nome de bairro interessante. Mas, caramba, Dom Diego Maradona havia sido homenageado com um córrego na periferia? Claro que não, havia mais de trinta logradouros em Buenos Aires com o nome de Maradona, inclusive um ginásio onde ocorreria os jogos de basquete.

Os policiais desceram do carro e pularam no córrego. Pelo jeito, o bandido era importante. O helicóptero da polícia jogava uma luz violenta sobre o carro arrebatado lá embaixo. Não tive dúvidas. Pulei no córrego também. Eu era o único jornalista presente. Peguei meu celular e liguei para o Vale. Contei a meu editor o que estava acontecendo e ele disse que eu entraria imediatamente ao vivo. Os policiais retiraram o meliante de dentro do carro. Era um playboy ensangüentado. Por um segundo, fiquei decepcionado, achando que era simplesmente

uma perseguição a um boy doidão que gostava de correr demais. Talvez filho de algum embaixador acreditando na imunidade. Só acertei numa coisa: era um boy doidão. Mas tão doidão que a cabeça dele explodiu enquanto estava sendo revistado. Os policiais ficaram cobertos de sangue e miolos. Os moradores do bairro que assistiam ao espetáculo ficaram horrorizados. Ouviu-se gritos de pavor e expressões de terror. Eu mesmo quase fiquei chocado. Mas os policiais não pareceram surpresos. Um deles abriu o porta-malas do carro do sem-cabeça. Era um Mercedes Benz Série F, que custava mais de vinte milhões de cuias. O porta-malas estava abarrotado de caixas brancas retangulares com dez centímetros de altura. E cada caixa continha um isopor onde havia duas fileiras com cinqüenta ampolas. Perguntei ao policial o que era aquilo e ele respondeu, erguendo um vidrinho no ar para ser capturado por minha câmera: “‘Z’ ou ‘Ômega’ ou ‘Final’ ou ‘The End’”. Qualquer palavra que signifique o fim. Dizem que é a droga final. Diferente das outras drogas, o efeito aumenta a cada dose até que a cabeça do viciado explode, como você viu”. “Então por que usam?”, perguntei. O policial me respondeu: “Por que todo fumante fuma se sabe que vai morrer de câncer?”. Era uma excelente resposta.

Eu nunca tinha ouvido falar daquela droga. Mas ela já estava disseminada na alta roda de Buenos Aires, e eu fui o primeiro jornalista estrangeiro a escrever sobre ela. Muito estranho como esta informação ficou restrita à Argentina, apesar da informação global a que já estávamos acostumados. Dezessete jovens portenhos já haviam morrido de “Z”, com suas cabeças explodindo na dose derradeira. Talvez por isto ainda não era notícia. 17 mortes não é notícia. Para algo virar notícia, o número de mortes tem que atingir três dígitos. Também diziam que era uma droga que viciava sem que alguém precisasse experimentar. Eu entendi o significado daquele comentário, ao chegar no meu hotel. Eu estava morrendo de vontade de usar, para saber o efeito. Ninguém sabia explicar o barato que dava. Os médicos desconheciam qualquer tratamento. Só restava à polícia investigar e tentar prender os fabricantes e comerciantes. Nestas investigações, chegaram a Pablo Hernandez Gianetti, vulgo La Pelota. Pretendiam seguir La Pelota e descobrir a fábrica de “Z”.

Aquela apreensão no Córrego Diego Maradona ocorreu graças às Olimpíadas. Havia um forte esquema de segurança ao redor do Estádio Olímpico Fito Paez, para que o menor número de atentados terroristas acometessem esta edição dos jogos. Nas

Olimpíadas anteriores, em Lisboa, foram doze atentados, um deles na abertura dos jogos, quando morreram 87 crianças. O Mercedes Benz de Sinval Truebl, 19 anos, estudante de medicina, entrou na blitz próxima ao estádio. Eles estavam revistando todos os carros. Sinval deu ré e fugiu pela contramão. Dois carros da polícia partiram em sua perseguição e aconteceu o restante que narrei. Foi uma das maiores apreensões de “Z”.

O grande temor agora era que a droga chegasse nas mãos dos atletas estrangeiros. Não havia anti-doping para “Z”, pois a droga escondia-se com perfeição no organismo do usuário. Todos os detalhes foram calculados por quem inventou o narcótico. Eu queria investigar a droga, mas não sabia nem por onde começar. Fiquei no hotel, pensando. Revi a gravação. Anotei a placa do carro de Sinval Truebl. A idéia era refazer o trajeto naquela noite e tentar imaginar onde ele teria pego a droga. Em algum lugar onde tivesse ficado por mais tempo. Acho que eu tinha visto isto num filme policial.

Na manhã seguinte, entrei numa loja da Mercedes Benz e pedi para entrar num dos carros. Eu queria saber o nome da companhia que fornecia o sistema de GPS aos carros da marca. Liguei o carro. O GPS acendeu-se imediatamente: “SpaceDynamic”, o mesmo do Jaguar. Fui à SpaceDynamic. Parei meu carro e fiquei olhando para a entrada. Desci. Entrei no prédio. Apresentei-me, disse que queria entrevistar alguém sobre a privacidade do serviço. Mandaram-me para o 14º andar, onde eu encontraria o assessor de imprensa. Encontrei. Perguntei a ele se a empresa guardava registros dos trajetos dos carros. “Sim, para questões de polícia, roubos de carros, seqüestros”. Perguntei se eu poderia saber o trajeto do Mercedes Benz de Sinval. Respondeu que não. Ofereci duas mil cuias. Ele disse que não tinha acesso aos dados. Ofereci quatro mil. Dois mil para ele e dois mil para quem tivesse acesso. Ele me mandou aguardar. Meia hora depois, retornou e me chamou. Descemos ao quarto andar. Entramos numa sala. Pediram-me para sentar numa cadeira, à frente de um computador e anotar. Tirei meu bloco de anotações do bolso e copiei o trajeto do Mercedes Benz até seis horas antes do acidente, fazendo um asterisco nos locais onde ele havia parado por mais tempo. Dei o dinheiro a eles. Agora me restavam mil cuias para gastar até o final das olimpíadas.

Imediatamente comecei a fazer o trajeto do carro. E também imediatamente, ao entrar no circuito, passei a achar que eu tinha jogado quatro mil cuias fora. Aquele trajeto não significava nada. Os quatro lugares eram uma farmácia, um restaurante, um posto de combustível e um prédio. Eu iria fazer o quê? Entrar e perguntar se vendiam “Z”? Imaginei algo. A operação de retirada de uma mercadoria como aquela deveria ser bem rápida. Suponhamos que eu fosse buscar drogas em algum lugar. Eu pararia meu carro por alguns segundos. Voltei à SpaceDynamic. Pedi para falar novamente com o assessor de imprensa. Disse a ele que queria ver o trajeto novamente. Ele titubeou, resmungou, mas eu insisti e ele me levou ao quarto andar outra vez. O cara do quarto andar também reclamou. Havia um local onde o carro parou por menos de um minuto. Agradei. Eles me responderam que não me receberiam mais.

Voei com meu Jaguar até o local. Uma faculdade. Claro, a faculdade onde Sinval estudava. Ele estava levando, provavelmente, a mercadoria para o próprio La Pelota. Resolvi dar uma de ator. Parei o carro bem na portaria principal da faculdade e fiquei lá. Estudantes entravam, saíam. Alguns me olhavam. Eu os olhava de volta. Mais cedo ou mais tarde alguém viria falar comigo. Três horas depois, um rapaz se aproximou e bateu no vidro do passageiro. Abri. “Posso ajudá-lo?”, perguntou-me. “Estou esperando um amigo. Já viu Sinval hoje?” O rapaz olhou para baixo. “Não soube o que aconteceu? Sinval está morto”. Fingi espanto e tristeza. Perguntei como tinha acontecido e fiz cara de desespero. “Algum problema, amigo?” “Sinval iria me entregar algo. Eu tinha combinado encontrá-lo aqui na faculdade.” “De onde vocês se conhecem?” “Da embaixada do Brasil. Meu pai fez um jantar em homenagem ao pai dele e lá nos conhecemos”. “Posso entrar no carro?” “Claro”, respondi, abrindo a porta. “Siga em frente”, pediu o rapaz. “Quanto você tem?”, perguntou-me. Fodeu, eu só tinha mil cuias. Respondi exatamente isto: “Só tenho mil cuias em dinheiro”.

O rapaz me conduziu até um bairro bastante elegante em Buenos Aires, La Recoleta, segundo me informava o GPS. O garoto entrou numa mansão e saiu. Bateu no vidro e eu abri. Entregou-me um saco e disse: “Meu nome é Guillermo. Se quiser mais, entre na faculdade. Diga ao guarda que quer falar comigo e siga até o departamento de farmácia”. Deu meia volta,

entrando novamente na casa. Dentro do saco, havia cinco ampolas de Z. Os estudantes vendiam a droga a um preço muito inferior ao consumido nas ruas. Sinal claro de que eram eles mesmos que a produziam.

Eu estava tão ansioso e tão nervoso que quase bati o carro, ao voltar para o hotel. Entrei no meu quarto. Meu megafono de reportagem estava quase completo. Eu havia descoberto provavelmente o laboratório onde fabricavam o Z e tinha cinco ampolas à minha frente. Restava experimentar uma delas para conhecer o barato daquela porcaria.

Fiquei até meia-noite e meia olhando aqueles vidrinhos sobre a mesa do quarto. Fui jantar, voltei, continuei olhando. À meia-noite e meia, não resisti e abri um frasco. Tomei uma gotinha. Não tinha gosto de nada. Virei o frasco inteiro. Era como beber água.

Imediatamente senti vontade de dançar. Liguei o rádio do quarto e aumentei no máximo. Eu conhecia aquele som. Deftones. Banda de rock de trinta anos atrás. A música dizia “Be quiet and drive, be quiet and drive...” Meu Deus, que vontade louca de dirigir. Eu tinha um Jaguar alugado, estava em Buenos Aires e era meia-noite e meia. Desci correndo, entrei no carro e digitei “Deftones”. Apareceu a lista das músicas. Cliquei em “Be quiet and drive” e coloquei para repetir. Acelerei. 100, 200, 300 km/h. Estava tudo brilhante. Cada ponto de luz era com um sistema solar. Buenos Aires era a Via Láctea. Voei em direção à Avenida Eva Perón. Mais de cinquenta quilômetros de pista livre, sem semáforos. Coloquei o Deftones no volume máximo. Afundei o acelerador.

Não sei quantas voltas eu dei na Avenida Eva Perón, quantas vezes ouvi aquela música, mas, em certo momento, tive muita vontade de fazer sexo. Sem conseguir raciocinar direito e saber a diferença entre uma balada e um puteiro, entrei de volta na cidade e parei em frente a um lugar onde havia um monte de jovens entrando e saindo. Um manobrista abriu minha porta. Olhei para ele, sem conseguir distinguir seu rosto. Acho que eu disse: “Cuide bem do meu carro, eu sou embaixador do Brasil”. Ou imaginei ter dito. Entrei na boate. Eu estava completamente anestesiado. Poderiam até operar meu coração a sangue-frio que eu não sentiria nada. Encostei num balcão. Uma coisa parecida com uma bartender tentava falar comigo. Respondi: “Sim”. “Sim o quê?”, ela perguntou. “Sim qualquer coisa”,

2

respondi. Ela me deu uma cerveja. Caiu perfeita. Era a cerveja mais gostosa que um ser humano jamais havia tomado. Senti vontade de contar para todo mundo que em Buenos Aires vendia-se a cerveja mais maravilhosa do mundo. Percebi que havia alguém a meu lado, tentando falar comigo. “O quê?”, perguntei, baixando a cabeça em sua direção, tentando ouvir melhor. Ela falou e de novo não entendi. Aproximei-me ainda mais e enfim entendi: “Eu conheço esse olhar”. Eu não sabia nem se a garota era bonita ou feia. Só sei que falei em inglês, diretamente em seu ouvido: “I want to give you ‘The End’”. A partir daí, não me lembro mais nada.

Acordei, no dia seguinte, nu, esparramado sobre a cama do hotel. Eu não me sentia mal, nem de ressaca. Pelo contrário, sentia-me bem. Olhei o quarto à volta. Havia quatro camisinhas usadas, no chão. E sobre a mesa, restava apenas uma ampola. Ou a garota havia tomado três ampolas, ou eu sozinho, ou dividimos. O que me espantava mais era saber que eu me sentia muito bem. Mais uma daqueles filhos da puta da faculdade. Inventaram uma droga que deixava a pessoa inteira, no dia seguinte, como se fosse uísque escocês. E sabe Deus como eu havia chegado no hotel.

Almocei normalmente. Nem larica a droga dava. Entrei no Jaguar e voltei à faculdade. Parei na portaria e falei ao guarda: “Guillermo está me esperando”. O guarda levantou a cancela e eu procurei o departamento de farmácia, através das placas. Cheguei lá. Desci do carro e entrei no prédio. Perguntei por Guillermo e levaram-me a um laboratório. Guillermo me apontou para dois colegas. Senti um pouco de medo. Ele se aproximou, cumprimentou-me e perguntou se eu estava de carro. Falei que sim. Pediram para eu estacionar atrás do departamento. Fiz. Pediram que eu descesse do carro. Desci. E que entrasse numa salinha. Entrei. Perguntaram-me se eu poderia entregar uma encomenda num determinado endereço. Ah, meu Deus, eu iria encontrar, imaginava, o próprio La Pelota! Respondi que sim. “Já está pago. Basta entregar”. “Ok”, respondi. “Você prefere o pagamento em dinheiro ou em mercadoria?” “Acho que em mercadoria sai barato para vocês e lucrativo para mim”. Colocaram umas duzentas caixas no porta-malas do Jaguar e me deram duas, como pagamento. Cem ampolas!

Entrei no Jaguar e parti em direção ao endereço. Villa Nueva, fora de Buenos Aires. No caminho, fui acariciando a caixa de Z, até retirar uma e fazê-la viajar, entre meus dedos. Coloquei a ampola entre meus lábios, sem abri-la. Fiquei assim, por um tempo. Consegui me controlar até chegar ao destino. Um galpão. Observaram minha chegada através de algum buraco ou monitor, pois, no mesmo instante, abriram o grande portão, mas apenas o suficiente para passar o Jaguar. Havia oito pessoas. Cinco homens e três mulheres. Eles retiraram a droga de dentro do meu carro. Avisei que as caixas sobre o banco do passageiro eram minhas. Eles contaram as caixas e disseram: “Tudo certo. Pode ir”. “Gostaria de ter uma palavra com Pablo. Ele está?”, perguntei. “Que Pablo?” “Pablo Hernandez”. Deram de ombros. “La Pelota”, arrisquei. “Nunca ouvimos falar. Agora saia daqui.”

Corri foi o risco de tomar um tiro na cabeça. Dei ré no Jaguar e parti. Agora não havia mais motivos para resistir. Abri a ampola de Z e engoli tudo. Segundos depois, o carro se transformou numa nave espacial. E a Avenida Perón, um estrada para o céu. Passei pelo Córrego Diego Maradona, onde o guard-rail já havia sido consertado. Quem estava sentado sobre ele era o próprio. Dom Diego Maradona, sorrindo para mim. Dei uma volta na avenida inteira e vi Maradona outra vez, com os braços abertos, como se dissesse: “Não vai parar?”. Na terceira volta, ele fazia um sinal com ambas as mãos, para eu voar sobre o córrego. Senti que o córrego era a realização de meus mais profundos desejos. Sabe quando a gente é adolescente e sonha que vai transar com a menina mais bonita e intocável do colégio? Minha menina mais bonita do colégio estava ali, no córrego. Não apenas ela, como todas as outras gatinhas intocáveis da escola. Eu me sentia como se tivesse 13 anos novamente.

Voei sobre a proteção metálica a mais de 600 km/h. Ainda me lembro do impacto. Que merda. Não me lembro de ter transado quatro vezes na noite anterior, mas me lembro de ter me arrebatado no Córrego Diego Maradona. Bem que poderia ser o contrário.

Os noticiários destacaram a notícia: “Jornalista brasileiro sofre acidente no subúrbio de Buenos Aires. Segundo a polícia, o jornalista deve ter perdido o controle do carro esportivo.” Nenhuma palavra sobre o Z. Alguém deve ter pego as caixas. Ou algum morador das redondezas do córrego ou algum policial ou algum transeunte.

Antes mesmo da abertura das olimpíadas, fui despachado de volta para o Brasil. Eu estava com traumatismo craniano, três costelas quebradas, uma luxação na coluna cervical, o braço esquerdo e duas pernas quebradas. E meu fígado foi dividido ao meio. Mais um pouco de lesões corporais e eu pediria também minha aposentadoria por invalidez física. Mas com a medicina tão avançada, em um mês eu já estava trabalhando novamente.

Nunca contei a ninguém sobre minha experiência com o Z em Buenos Aires. Agora, a droga está espalhada pelo mundo todo, inclusive aqui em São Paulo. Como minha aposentadoria por invalidez vocacional ainda não chegou na minha caixa de correio, estou pensando em importar o Z direto da fonte e revendê-lo, obtendo um lucro extraordinário. Será que eu resistirei à tentação de tomar mais uma dose?

Quantas eu agüento antes de minha cabeça explodir? ◀

Rynaldo Papoy nasceu em 30/12/70, em São Paulo. Publicou o livro de poemas "Suicídio Espiritual", em 1993, e a peça de teatro "O Deserto", em 2003. Também faz audiovisual e música. Descobriu a ficção científica ainda criança. Continua lendo Júlio Verne e HG Wells, mas gosta de descobrir novos e velhos autores. Colaborou, em 2008, com Paulo R.C. Barros, escrevendo diversos contos baseados em seus vídeos.

Schismatrix

FÁBIO FERNANDES

Há algum tempo, eu estava trocando idéias com uma blogueira portuguesa (Cristina Alves, do ótimo blog [Rascunhos](#)) sobre **Spook Country**, o último romance de Mr. William Gibson. Eu falava com ela sobre a primeira vez em que li **Neuromancer**, lá nos idos de 1989. O romance já tinha cinco anos de idade, mas não tinha perdido nada de seu brilho, seu frescor, seu caráter de novidade e espírito anárquico – enfim, de tudo o que o tornou um clássico instantâneo para milhões de leitores em todo o mundo.

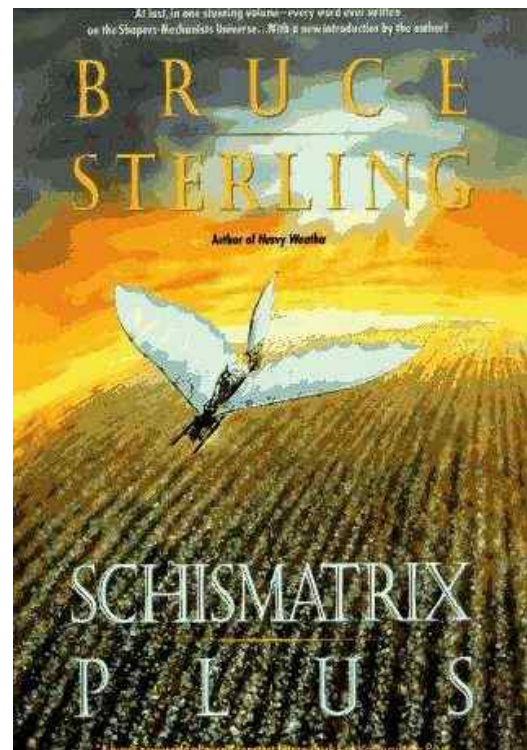
Mas hoje as coisas parecem ter dado uma volta de cento e oitenta graus.

Não para este que vos digita. Mas, para todas as pessoas que conheço que leram **Neuromancer** pela primeira vez recentemente, seja no Brasil, em Portugal ou até mesmo nos EUA, parece haver uma certa decepção com Gibson e seu estilo. A reação média costuma ser "sim, o livro é bacana, mas não entendo por que tanto bafafá em torno disso".

A resposta? Vocês não estavam lá.

E dizer isso é até chato, porque uma história (especialmente uma história que hoje é considerada um clássico da FC) deveria se sustentar nas próprias pernas, e definitivamente não deveria estar datada.

Mas será que está mesmo? Levando-se em conta que o cyberpunk nao morreu – especialmente agora, quando a chamada geração pós-cyber está emplacando um livro bom atrás do outro, com romances como *Infoquake* e *Multireal*, de David Louis Edelman, ou *Accelerando*, de Charles Stross, ou ainda a série cyberpunk-futurista-noir de Takeshi Kovacs, escrita por Richard K. Morgan, poderíamos dizer que as obras de William Gibson acabaram sendo vítima de seu próprio sucesso – o estilo e as temáticas ligadas ao cyberpunk eram tão atraentes que geraram uma legião infindável de livros, filmes, animes, mangás e games do mesmo calibre. Era de se esperar que os leitores mais recentes se identificassem mais com os espécimes mais novos. (Não que eu acredite inteiramente nessa "teoria" – é apenas uma coisa que inventei para tentar explicar esse comportamento, mas, como toda teoria (boa ou ruim) em seus estágios iniciais, ela não tem nenhuma comprovação, então vamos tentar desenvolver esse raciocínio um pouco melhor.



Por exemplo, **Schismatrix Plus**, de Bruce Sterling. Lançado originalmente como um romance, esse livro tem sido publicado desde 1996 como um "omnibus", contendo o romance original de 1985 e todas as histórias ambientadas no universo Mechanist/Shaper, publicadas antes do romance, entre 1982 e 1984.

Sterling foi um cara que não perdeu sua verve, conforme podemos verificar em livros mais recentes como **Holy Fire**, **Zeitgeist** ou **Tempo Fechado**. (Na minha opinião, Gibson também não, mas vamos nos concentrar em Sterling.) Até mesmo quando ele realmente dá uma de futurista, como em seu livro de não-ficção **Tomorrow Now**, ele está sendo um animal político o tempo todo. Gibson pode ter sido o mentor estético dos cyberpunks, mas o líder político sempre foi Sterling. E, apesar de ter escrito dois ótimos livros antes do movimento cyberpunk estourar (**Involution Ocean** e **The Artificial Kid**), é em **Schismatrix** que Bruce Sterling cria um universo que gira não apenas em torno de tecnologia, mas também de intrigas e alianças políticas.

Schismatrix conta a história de um homem, Abelard Lindsay, que vive uma vida de revolução permanente, onde o único elemento constante é a mudança. Ele vive mais de duzentos anos, e durante sua longa vida ele experimenta praticamente tudo o que um humano (e um pós-humano) pode experimentar. De sexo intenso e abuso maciço de drogas a roupas elaboradas, protocolos políticos e diplomáticos altamente elaborados e chatos, até o puro e simples tédio profundo, Lindsay vive entre ambos os lados da Humanidade no século 23: nascido fora da Terra, na facção Shaper (pós-humanos no sentido atual do termo, ou seja, humanos que aprimoraram sua saúde e estenderam suas vidas através de terapia genética e de substâncias químicas), ele, juntamente com seus amigos e aliados políticos Vera Kelland e Philip Constantine, se revolta contra o elitista Conselho do Anel Shaper. Vera morre num acidente e Lindsay é exilado para a Zaibatsu Circumlunar do Povo de Mare Tranquilitatis, onde terá de lutar para sobreviver.

Inteligente e cheio de recursos, Lindsay é quase um Ulisses pós-humano; sua odisséia o levará a muitos lugares diferentes e estranhos nas próximas décadas. Em Mare Serenitatis ele conhecerá Kitsune, uma mulher que se tornará uma figura importantíssima em sua vida – mas o amor deles (ou o que pode ser considerado amor na sociedade pós-humana) está fadado ao fracasso. A vida de Lindsay é ameaçada por seu ex-aliado, Constantine, que agora o encara como um traidor. Depois de um confronto emocionante com um assassino clonado (cheio da teatralidade tão típica dos anos 80, mas que eu consideraria confortavelmente datada) Lindsay consegue fugir novamente, desta vez para a Red Consensus, uma nave Mechanist regida por princípios neo-marxistas.



Os Mechanists, como já deve ser óbvio, são ciborgues, pessoas que preferiram implantar órgãos artificiais novos do que utilizar qualquer um dos tratamentos Shapers. No começo, Lindsay desconfia deles, mas com o tempo ele passa a expandir sua visão de mundo e percebe a verdade: ambas as facções são lados da mesma moeda – nenhum dos dois está inteiramente certo ou inteiramente errado. Ele próprio se torna um Mechanist sem querer, ao sofrer um acidente que esmaga completamente um de seus braços e mandar substituí-lo por um novo braço biônico.

Embora a dualidade Mechanist/Shaper não permaneça do mesmo jeito por muito tempo – porque uma raça alienígena faz contato com o universo circunsolar humano. Eles chamam a si mesmos de Investidores, e são, digamos assim, uma versão MUITO SÉRIA e eficiente dos Vogons de Douglas Adams. Tudo o que importa para eles são negócios; todo o resto é irrelevante. Eles meio que comandam um consórcio de outras dezoito raças alienígenas, que manipulam ao seu bel-prazer. Lindsay ajuda a facilitar os contatos entre os Investidores e a humanidade, mas infelizmente ele acaba por perceber que tudo passa – e, assim como antes no passado, ele verá os novos laços que criou se desfazerem no turbilhão de revoluções e guerras.

O interessante em **Schismatrix** e, que na minha opinião, Sterling conseguiu transmitir da melhor maneira possível, é que a perspectiva é sempre inumana – os eventos são sempre analisados por um enfoque de pós-humanos que vivem em média duzentos anos. É o conceito de *longue durée* proposto pelo historiador francês Fernand Braudel na segunda metade do século 20. Uma mera vida humana, tão curta quanto a mim ou a de vocês, prezados leitores, não poderá jamais captar esse conceito completamente – mas Sterling dá o melhor de si para nos convencer, e, depois de mais de vinte anos, descobri que ele ainda consegue me convencer.

As demais histórias nesse volume esboçam muitas situações que são apenas citadas de passagem no romance, como a queda do Conselho de Estado Czarina-Kluster (*Cicada Queen*), a vida entre alienígenas no interior de uma nave orgânica (*Swarm*), uma história intrigante durante o período dos Investidores (*Spider Rose*) e uma história bizarra mostrando esforços de terraformização mais de duzentos anos após os eventos de **Schismatrix** (*Sunken Gardens*).

O volume se encerra com um dos meus contos favoritos de Sterling: *Twenty Evocations* (publicado aqui, no final desta edição), que descreve, usando ao mesmo tempo uma escrita linear e estratégias narrativas de *cut-up* tomadas de empréstimo ao mestre William Burroughs, a longa vida de Nikolai Leng, um Shaper que vive em tempos perigosos.

No todo, **Schismatrix Plus** continua a me impressionar depois de todos esses anos. Muito embora possamos facilmente deixar de lado algumas passagens como sendo datadas (como no fim, onde ele ainda usa kilobytes como ordem de magnitude aceitável), as histórias têm de modo geral um grande apelo, e as imagens que Sterling cria são poderosas. Embora seja um grande fã de Gibson, eu recomendaria fortemente **Schismatrix Plus** como o romance ideal para quem quiser começar a ler autores do gênero cyberpunk hoje em dia. ◀



Bruce Sterling

*Como diz o velho clichê, Bruce Sterling dispensa apresentações. Mas será mesmo? Afinal, o mentor intelectual do Movimento Cyberpunk não era publicado no Brasil há mais de vinte anos – o jejum só foi quebrado em novembro, com a publicação do romance *Tempo Fechado* (*Heavy Weather*, pela Devir), e, agora, com a liberação para publicação, pela primeira vez no Brasil, do conto *Twenty Evocations*, do universo *Shaper-Mechanist*, de *Schismatrix*. A seguir, uma entrevista curta e grossa deste texano que hoje vive em Belgrado, na Sérvia, como uma ponte entre Ocidente e Leste Europeu, cada vez mais conectado com tudo o que rola de novo no mundo. Enjoy.*

Entrevista de Fábio Fernandes
Tradução de Jacques Barcia



FOTO: WIKIPEDIA

TERRA INCOGNITA_ Suas histórias, desde *Schismatrix*, são estudos tanto em política quanto sociedade. A literatura deve dar mais atenção à política? Ou, ainda, ser um escritor é assumir uma posição política?

BRUCE STERLING_ Acredito que se deve escrever sobre política da mesma maneira que deve-se escrever sobre paisagens, ou o clima, ou sexo. É parte da existência.

Bruce Sterling



TERRA INCOGNITA_ Viver no Leste Europeu mudou sua visão de mundo de alguma forma?

BRUCE STERLING_ Viajar sempre expande. O Leste Europeu é um lar espiritual para mim. Aprendi muito com os eventos de 1989 e a longa Transição que se seguiu a partir daí. É um dos motivos pelos quais o atual pânico financeiro não me causa pânico. Eu conheço a aparência das grandes mudanças.

TERRA INCOGNITA_ Como você enxerga a política dos Estados Unidos hoje, por exemplo?

BRUCE STERLING_ Tornou-se claro, para mim, que os Estados Unidos estão se tornando mais parecidos com a Iugoslávia do que os restos da Iugoslávia jamais se tornarão parecidos com os Estados Unidos.

TERRA INCOGNITA_ Juntamente com ficção, você começou a escrever futurologia em Tomorrow Now. John Shirley chamou você de 'um Alvin Toffler mais antenado'. Você ainda se considera um escritor de FC ou um futurologista que usa a ficção científica como uma espécie de ferramenta para criar um futuro melhor (ou, ao menos, fazer-nos pensar a respeito de construir um mundo melhor)?

BRUCE STERLING_ Eu acredito - com mais força do que nunca - que a cultura de rede do século XXI vai borrar essas velhas visões entre disciplinas. Na velha cultura da tinta no papel, as divisões entre 'futurista' e 'escritor de ficção científica' eram bem rigorosas. Para um mecanismo de busca, ou mesmo em lojas de livros online, estas são distinções frágeis.

Conheci Alvin Toffler, conversei com ele. As divisões entre eu e ele não têm nada a ver com 'ser antenado'. Sou um artista e ele não escreve ficção. Alvin Toffler visita fábricas e tem um interesse ávido, profundo, vitalício por meios de produção. Aí ele é o mestre e eu o diletante. Mas acho que ambos entendemos que uma única mente não pode fazer tudo. Na era da internet, não é sobre um único maestro totalitário. É sobre todos nós. ◀

“ERA IMPRESSIONANTE COMO HAVIA ESPAÇO NA ÓRBITA DE UM OLHO QUANDO SE PARAVA PARA PENSAR. OS MECANISMOS VISUAIS REAIS HAVIAM SIDO COMPLETAMENTE MINIATURIZADOS POR PROSTETICHS MECHANISTS”

Bruce Sterling

Vinte Evocações

1. SISTEMAS ESPECIALISTAS. Quando Nikolai Leng era criança, seu professor era um sistema cibernético com interface holográfica. O holo assumiu a forma de uma jovem Shaper. Sua "personalidade" era um sistema especialista compósito interativo fabricado por psicotech Shapers. Nikolai a amava.

2. NUNCA NASCIDO. – Você quer dizer que todos viemos da Terra? – Nikolai perguntou incrédulo.

- Sim – o holo disse gentilmente. – Os primeiros colonos de verdade no espaço nasceram na Terra: produzidos por meios sexuais. Naturalmente, centenas de anos se passaram desde então. Você é um Shaper. Shapers nunca nascem.

- Quem vive na Terra agora?

- Seres humanos.

- Ahhhh – disse Nikolai, o tom decrescente da voz traindo a rápida perda de interesse.

3. UMA PERNA COM DEFEITO. E chegou o dia em que Nikolai viu seu primeiro Mechanist. O homem era um diplomata e agente comercial, estacionado por sua facção no habitat de Nikolai. Nikolai e outras crianças de sua creche brincavam no corredor quando o diplomata passou se esgueirando. Uma das pernas do Mechanist estava com defeito, e fazia clic-rrr, clic-rrr. Alex, amigo de Nikolai, imitou o Mechanist mancando. Subitamente o homem se virou para eles, os olhos plásticos se dilatando. – Linhas genéticas – o Mechanist resfolegou com desdém. – Eu posso comprar vocês, cultivar vocês, vender vocês, cortar vocês em pedacinhos. Seus gritos: minha música.

4. PÁTINA DE MOFO. O suor escorria pelo colarinho trançado da túnica militar de Nikolai. O ar dentro da estação abandonada ainda era respirável, mas insuportavelmente quente. Nikolai ajudou seu sargento a arrancar as coisas de valor de um mineiro morto. O corpo antisséptico do Shaper assassinado estava ressecado, mas perfeito. Eles entraram em outra seção. O corpo de um pirata Mechanist, todo esparramado na gravidade fraca. Morto durante o ataque, seu corpo havia apodrecido por semanas dentro de seu traje. Uma pátina de mais de um centímetro de espessura de mofo cinzento havia devorado seu rosto.

5. NÃO MERITÓRIO. Nikolai estava de licença no Conselho do Anel com dois homens de sua unidade. Estavam bebendo em um bar em queda livre chamado EPILETICO ECLÉTICO. O primeiro homem era Simon Afriel, um jovem Shaper encantador e ambicioso da velha escola. O outro tinha um implante Mechanist no olho. Sua lealdade era

suspeita. Os três discutiam semântica. "O mapa não é o território", disse Afriel. Subitamente o segundo homem pegou um dispositivo de escuta quase invisível na borda da mesa. "E o tapa não é meritório", ele retrucou. Nunca mais voltaram a vê-lo.

... Um pirata Mechanist, com defeito, linhas genéticas traidoras. Dispositivos de escuta invisíveis crescem, compram e vendem você. O jovem ambicioso Shaper da estação abandonada, morto durante o ataque. Psicotechs falhos produzidos por meios sexuais o corpo ressecado de um agente comercial. O sistema cibernético o ajudou a arrancar os valores de seus olhos plásticos...

6. PIEDADE ESPECULATIVA. A mulher Mechanist olhou para ele com ar de piedade especulativa. – Tenho uma posição comercial estabelecida aqui – ela disse a Nikolai. – Mas meu fluxo de caixa está temporariamente restrito. Você, por outro lado, acabou de desertar do Conselho com uma pequena fortuna. Eu preciso de dinheiro; você precisa de estabilidade. Eu proponho casamento.

Nikolai parou para pensar. Ele era novo na sociedade Mech. – Isso implica em relacionamento sexual? – perguntou. A mulher olhou para ele sem expressão. – Você quer dizer entre nós dois?

7. PADRÕES DE FLUXO. – Você está preocupado com alguma coisa – sua esposa lhe disse. Nikolai balançou a cabeça negativamente. – Está sim – ela persistiu. – Você está aborrecido por causa do negócio que fiz com contrabando pirata. Você está infeliz porque nossa corporação está auferindo lucros com ataques feitos ao seu povo.

Nikolai sorriu irônico. – Talvez você tenha razão. Nunca conheci ninguém que entendesse meus sentimentos mais íntimos como você. – Ele olhou para ela com carinho. – Como você consegue?

- Tenho sensores infravermelhos – ela disse. – Leio os padrões de fluxo sanguíneo em seu rosto.

8. TELEVISÃO ÓPTICA. Era impressionante como havia espaço na órbita de um olho quando se parava para pensar. Os mecanismos visuais reais haviam sido completamente miniaturizados por prostetichs Mechanists. Nikolai tinha outros dispositivos instalados: um relógio, um monitor de biofeedback, uma tela de

televisão, todos conectados diretamente ao seu nervo óptico. Eles eram convenientes, mas de difícil controle no começo. Sua esposa precisou ajudá-lo a sair do hospital e voltar ao seu apartamento, pois os gatilhos visuais sutis ficavam piscando transmissões de relatórios do mercado. Nikolai sorriu para sua esposa por trás de seus olhos plásticos. – Passe a noite comigo hoje - ele disse. Sua esposa deu de ombros. – Tudo bem - ela disse. Colocou a mão na porta do apartamento de Nikolai e morreu quase no mesmo instante. Um assassino havia passado veneno de contato na maçaneta da porta.

9. ALVOS SHAPERS. – Escute - disse o assassino, o rosto flácido vincado com rugas de cansaço. – Não me encha com nenhuma ideologia... É só transferir os fundos e me dizer quem você quer morto.

- É um trabalho no Conselho do Anel - disse Nikolai. Ele estava vivendo à base de um regime de drogas emocionais que estava tomando para combater a tristeza, e precisava lutar contra ondas recorrentes de um tipo de animação com subtons bizarros. – O Capitão-Doutor Martin Leng do Conselho de Segurança do Anel. Ele é da minha própria linha genética. Minha deserção fez com que a própria lealdade dele fosse questionada. Ele matou minha mulher.

- Shapers são bons alvos - disse o assassino. Seu corpo sem braços e sem pernas flutuava em um tanque transparente de nutrientes, onde plasmas tingidos acalmavam as extremidades roxas dos bancos de nervos nos soquetes. Um servo-corpo entrou no tanque e começou a atarrachar os braços do assassino.

10. INVESTIMENTO INFANTIL. – Nós reconhecemos o seu investimento nesta criança, acionista Leng - disse o psicotech. – Você pode tê-la criado, ou contratado os técnicos que a criaram, mas ela não é sua propriedade. Por nossos regulamentos, ela deve ser tratada como qualquer outra criança. Ela é propriedade de nossa república popular corporativa.

Nikolai olhou exasperado para a mulher. – Eu não a criei. Ela é o clone póstumo da minha falecida esposa. E ela é propriedade das corporações de minha esposa, ou melhor, de seu fundo de truste, que eu gerencio na qualidade de executor... Não, o que eu quero dizer é que ela possui, ou pelo menos tem uma ligação com, a propriedade corporativa semi-autônoma de minha esposa, que se torna dela com a chegada da maioridade... Você me entende?

- Não. Sou uma educadora, não financista. O que exatamente significa isso, acionista? Você está tentando recriar sua falecida esposa?

Nikolai olhou para ela, seu rosto cuidadosamente neutro. – Eu fiz isso pela isenção de impostos.

...Deixar o clone póstumo lucrar com ataques. Propriedade semi-autônoma tem uma posição comercial estabelecida. Ondas recorrentes de contrabando pirata. O rosto flácido dele incomoda você com ideologias. Sentimentos internos morreram quase instantaneamente. Passou veneno de contato na porta...

11. ALIANÇAS RESENTIDAS. – Eu gosto daqui da periferia – Nikolai disse ao assassino. – Você já pensou na possibilidade de uma ruptura?

O assassino gargalhou. – Eu costumava ser um pirata. Levei quarenta anos para me vincular a este cartel. Quando você está sozinho, você é carne, Leng. Você devia saber disso.

- Mas você deve se ressentir dessas alianças. Elas são inconvenientes. Você não preferia ter seu próprio Kluster e fazer suas próprias regras?

- Você está falando como um ideólogo – disse o assassino. Displays de biofeedback piscavam suavemente em suas próteses de antebraços. – Minha aliança é com a Zaibatsu Kyotid. Eles são dono de todo este subúrbio. Eles são donos até dos meus braços e das minhas pernas.

- Eu sou dono da Zaibatsu Kyotid – disse Nikolai.

- Ah – disse o assassino – Bem, isso torna a coisa toda diferente.

12. DESERÇÃO EM MASSA. – Queremos entrar para seu Kluster – disse o Superbrilhante. – Precisamos entrar para seu Kluster. Ninguém mais nos terá.

Nikolai brincava ausente com sua light pen em uma videotela conveniente. – Quantos de vocês existem lá?

- Existiam cinquenta em nossa linha genética. Estávamos trabalhando em física quântica antes de nossa deserção em massa. Fizemos alguns avanços pequenos. Acho que eles poderiam ser de algum uso comercial.

- Esplêndido – disse Nikolai. Ele assumiu um ar de piedade especulativa. – Quero crer que o Conselho do Anel perseguiu vocês da maneira costumeira: alegou que vocês eram mentalmente instáveis, ideologicamente incoerentes e coisas do gênero.

- Sim. Seus agentes mataram trinta e oito de nós. – O Superbrilhante tocou inseguro as gotas de suor em sua testa inchada. – Não somos mentalmente instáveis, Presidente do Kluster. Não lhe causaremos nenhum problema. Só queremos um lugar tranqüilo para terminar de trabalhar enquanto Deus come nosso cérebro.

13. REFÉM DE DADOS. Uma chamada de alto nível veio do Conselho do Anel. Nikolai, surpreso e intrigado, atendeu a ligação pessoalmente. O rosto de um jovem apareceu na tela. – Fiz sua professora de refém – ele disse.

Nikolai franziu a testa. – Quem?

- A pessoa que lhe ensinou quando você era criança na creche. Você e ama. Você disse isso a ela. Eu tenho isso gravado em fita.

- Você deve estar brincando – disse Nikolai. – Minha professora era apenas uma interface cibernética. Você não pode fazer um sistema de dados de refém.

- Posso sim – o jovem disse com truculência. – O antigo sistema especialista foi retirado em favor de um novo com uma ideologia mais coerente. Veja. – Um segundo rosto apareceu na tela; era a imagem super-humanamente suave e levemente reluzente de sua professora cibernética. – Por favor, salve-me, Nikolai – a imagem disse sem emoção. – Ele é impiedoso.

O rosto do jovem reapareceu. Nikolai deu uma gargalhada incrédula. – Então você salvou as fitas velhas? – disse Nikolai. – Não sei qual é o seu jogo, mas suponho que os dados tenham um certo valor. Estou preparado para ser generoso. – Deu uma quantia. O jovem balançou a cabeça em negativa. Nikolai foi ficando impaciente. – Escute – ele disse. – O que faz você pensar que um mero sistema especialista tem algum valor objetivo?

- Eu sei que tem – disse o jovem. – Eu sou um.

14. QUESTÃO CENTRAL. Nikolai estava a bordo da nave alienígena. Ele se sentia desconfortável em seu casaco brocado de embaixador. Ajustou os óculos de sol pesados sobre seus olhos de plástico. – Apreciamos sua visita ao nosso Kluster – ele disse ao alferes reptiliano. – É uma grande honra.

O alferes reptiliano levantou a franja multicolorida atrás de sua cabeça maciça. – Estamos preparados para fazer negócios – ele disse.

- Estou interessado em filosofias alienígenas – disse Nikolai. – As respostas de outras espécies às grandes questões da existência.

- Mas só existe uma questão central – disse o alienígena. – Temos perseguido sua resposta de estrela em estrela. – Estávamos esperando que vocês nos ajudassem a respondê-la.

Nikolai teve cautela. – Qual é a questão?

- " O que vocês têm que nós queremos?"

15. DONS HERDADOS. Nikolai olhou para a garota dos olhos antigos. – Meu chefe de segurança me forneceu um registro de suas ações criminosas – ele disse. – Violação de copyright, extorsão organizada, conspiração para restrição de comércio. Quantos anos você tem?

- Quarenta e quatro – disse a garota. – E você?

- Cento e dez, mais ou menos. Eu teria que checar meus arquivos. – Alguma coisa na aparência da garota o incomodava. – Onde você conseguiu esses olhos antigos?

- Eram da minha mãe. Eu os herdei. Mas você é um Shaper, claro. Você não saberia o que é uma mãe.

- Pelo contrário – disse Nikolai. – Acho que conheci a sua. Fomos casados. Após a morte dele, mandei clonar você. Suponho que isso faz de mim seu... esqueci o termo.

- Pai.

- Parece que é isso mesmo. Obviamente você herdou o talento financeiro dela. – Ele tornou a examinar o arquivo pessoal dela. – Estaria interessado em adicionar bigamia à sua lista de crimes?

...Os mentalmente instáveis têm um certo valor. Restrição de comércio colocar uma face diferente na videotela conveniente. Algumas pequenas inovações tecnológicas nas questões da existência. Seu arquivo pessoal o perseguiu. Sua testa inchada não pode conter um sistema de dados...

16. RUGIDO DE PRAZER. – Você precisa evitar recair nos seus velhos hábitos – disse sua esposa. – É a única maneira de permanecer jovem. – Ela puxou um inalador dourado do coldre de sua cinta-liga. – Experimente um pouco disto.

- Não preciso de drogas – Nikolai disse sorrindo. – Tenho minhas fantasias de poder. – Ele começou a tirar a roupa.

Sua esposa olhou para ele impaciente. – Não seja besta, Nikolai. – Ela levou o inalador à narina e inspirou. Seu rosto começou a porejar de suor, e um leve rubor sexual se espalhou por suas orelhas e pescoço.

Nikolai ficou olhando, e então deu de ombros e inspirou de leve o tubo dourado. Imediatamente uma sensação gigantesca de êxtase paralisou seu sistema nervoso. Seu corpo arqueou para trás, pulsando incontrolavelmente.

Desajeitada, sua mulher começou a acariciá-lo. O rugido de prazer químico tornou o sexo irrelevante. – Por que... Por que se incomodar? – ele soltou sem fôlego.

Sua mulher pareceu surpresa. – É uma tradição.

17. PAREDE PISCANTE. Nikolai se dirigiu à parede piscante de telas de monitores. – Estou ficando velho – ele disse. – Minha saúde está boa – tive muita sorte em minha escolha de programas de longevidade – mas simplesmente não tenho a ousadia que tinha antes. Perdi minha flexibilidade, minha ousadia. E o Kluster superou minha capacidade de lidar com ele. Não tenho escolha. Preciso me aposentar.

Cuidadosamente, ele analisou os rostos nas telas em busca de minúscula reação. Duzentos anos haviam lhe ensinado a arte de leitura facial. Suas habilidades ainda estavam ali, com ele – era apenas a vontade por trás delas que havia se deteriorado. Os rostos da Junta Governante, sua descrição quebrada pelo choque, pareciam arder de ambição e ganância.

18. ALVOS LEGAIS. Os Mechanists haviam soltado seus drones no subúrbio. Armados de intimações, os drones sem rosto passavam como borrões pelas multidões nos corredores, procurando alvos legais.

Subitamente, o ex-Chefe de Segurança de Nikolai irrompeu por entre a multidão e começou a correr em busca de abrigo. Em queda livre, ele subiu de alça em alça como se fosse um gibão de armadura. Subitamente, uma de suas próteses cedeu e os drones caíram em cima dele, quase na porta de Nikolai. Pinças eletromagnéticas paralisaram seus membros, quebrando plástico.

- Tribunais-canguru – ele disse, quase sem fôlego. As rugas fundas em seu rosto ancestral brilhavam com rios de suor. – Eles vão tirar tudo de mim! Socorro, Leng!

Triste, Nikolai balançou a cabeça em negativa. O velho gritou: - Você me meteu nessa! Você era o ideólogo! Eu sou só um pobre assassino!

Nikolai não disse nada. As máquinas agarraram e pegaram de volta os braços e pernas do velho.

19. DIVISÕES ANTIQUADAS. - Você realmente introjetou tudo, certo? Toda essa coisa velha de gigo! - Os jovens falavam um jargão carregado de gíria que Nikolai mal conseguia compreender. Quando eles o viram, seus rostos mostravam uma mistura de agressão, piedade e respeito. Para Nikolai, eles sempre pareciam estar gritando. - Eu me sinto derrotado numericamente - ele murmurou.

- Você foi derrotado numericamente, velho Nikolai! Este bar é seu museu, certo? Seu mausoléu! Dê aos seus ouvidos novas fronteiras, estamos ouvindo! Essas ideologias de vídeo idiotas, essas divisões espirituais antiquadas. Mechs e Shapers, certo? As guerras das duas metades da mesma moeda!

- Estou me sentindo cansado - disse Nikolai. - Bebi demais. Alguém de vocês me leve pra casa.

Eles trocaram olhares preocupados. - Esta é sua casa. Não é?

20. OLHOS FECHADOS. - Vocês foram muito gentis - Nikolai disse aos dois jovens. Eles eram arqueólogos da Kosmosidade, vestidos em seus trajes acadêmicos, seus vestidos repletos de prêmios e medalhas dos Terraform-Klusters. Nikolai percebeu subitamente que não conseguia se lembrar dos nomes deles.

- Esta tudo bem, senhor - eles lhe disseram para que ele se acalmasse. - Agora é nosso dever lembrar ao senhor, não vice-versa. - Nikolai se sentiu envergonhado. Não havia percebido que falara em voz alta.

- Tomei veneno - ele explicou, à guisa de desculpas.

- Nós sabemos – eles assentiram. – Esperamos que o senhor não esteja sentindo dor.

- Não, nem um pouco. Fiz a coisa certa, eu sei. Estou muito velho, mais do que posso suportar. – Subitamente ele sentiu um colapso alarmante dentro de si mesmo. Pedacos de sua consciência começaram a quebrar enquanto ele deslizava para dentro do vazio. Subitamente ele percebeu que havia esquecido de suas últimas palavras. Com um esforço enorme, ele se lembrou delas e as gritou.

- Futilidade é liberdade! – Cheio de triunfo, ele morreu, e eles fecharam seus olhos. ◀



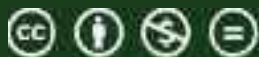
Editores
Fábio Fernandes e Jacques Barcia

Arte
Tiago Casagrande

verbeat.org/terraincognita
Ilustração do blog: Fábio Cobiaco

Contato: terraincognita@verbeat.org

Apoio: 



LICENCIADO EM
CREATIVE COMMONS

TERRA INCOGNITA

DEZ ▶ 2008

Edição #04

Ilustração de capa:
Campo, colagem digital de Aurora Barbosa

Autores:
Bruce Sterling
Rafael Monteiro
Rynaldo Papoy

Nossos agradecimentos a Tiago Casagrande e Leandro Gejfinbein e a toda a gangue do condomínio Verbeat pelo imenso apoio, e por acreditarem.

LICENCIADO EM
CREATIVE COMMONS



VERBEAT.ORG / TERRAINCOGNITA